



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

O FIM DA BICHÃ DOS BICHOS

Por ANÃO SABICHÃO

DECIDIDAMENTE, já era mais que tempo para pensar no meu regresso à cidade. Ali me chamavam, com urgência, muitos e variados afazeres.

Mas como arranjaria eu maneira de me livrar daquelas bichas da bicha dos bichos que não me deixavam abandonar a floresta?

Tantos, ainda, havia à espera de fazerem o seu discurso, de contar a sua triste ou alegre história,



para os meus meninos a lêrem no «Pim-Pam-Pum!». Estava bem atarantado, sem saber como resolver este caso, quando, de repente, tive uma inspiração luminosa!

Como já lhes disse, o leão das selvas africanas, saíra, há muito, da bicha, altamente melindrado na sua dignidade por eu ouvir, antes dele, a bicharia miúda.

Vai, então, escrevi ao leão que vive, actualmente, no Jardim Zoológico um bilheteinho que lhe mandei pelo meu pombo correio.

Dizia assim:

— Ilustre e nobre senhor:
Este escrito tem por fim
pedir-te um grande favor:

(Continua na página 3)



UMA FORMIGA E EU

Por ANTÔNIO GONÇALVES

EU tinha numa jarrinha, sobre uma mesa, uma florinha branca a que chamam «Despedidas de Verão».

Olhava para ela, pensando no que havia de contar-vos, quando vi uma formiga passeando sobre as pétalas.

Apanhei-a, coloquei-a na palma da mão e deixei que ela corresse dum lado para outro, procurando o alimento que, segundo me parecia, devia existir nas pétalas daquela florinha branca.

— Porque me retiraste donde estava ?!

Era a formiga que parara e olhava para mim, interrogando-me.

Eu respondi-lhe:

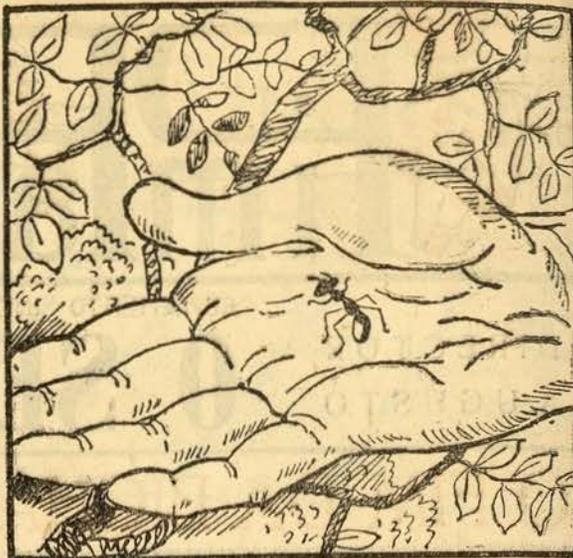
— Para que tu me disesses o que procuravas naquela flor. Se fosses uma abelha, eu compreendia que ali houvesse com que fazer o mel que é tão preciso na vida, mas uma formiga, com franqueza, não compreendo...

— Então — retorquiu a formiguinha — tu julgas que eu levo a vida toda a trabalhar ?

— E, pelo menos, o que consta entre nós. Só de Inverno descansas, comendo o que amealhaste no Verão.

— Enganas-te. Hoje, por exemplo, quis passear vêr as flores mas, como o jardim fica muito longe, aproveitei a tua jarrinha e aqui me encontraste, no mais lindo jardim que possas imaginar. Tu não poderás nunca passear sobre as flores sem as molestar; não sabes o prazer enorme que se sente, quando se caminha, sobre a macieira das pétalas duma flor, sem que ela se queixe... E se ouvisses as queixas que nos fazem dos que são como tu! Cortam-nas da terra que lhes deu a vida e sacrificam-nas, como tu tens esta, a viver longe do Sol e da Luz. Isso é uma maldade...

— Se essa flor aqui não estivesse, tu não terias vindo passear por ela — respondi.



— Isso é uma desculpa — tornou a formiguinha — tu não sabias que eu vinha cá e por isso não o fizeste por mim.

— Isso é verdade...

— Eu tenho as minhas razões para te dizer que vós praticais muitas maldades, que poderiam evitar-se. Para que destroem os meus carreirinhos ?

— Porque tu, formiguinha, vais muitas vezes instalar-te no açucareiro e noutros lugares, onde não devias ir.

— A culpa é vossa. Só por desleixo vosso, nós conseguimos entrar no açucareiro. Se êle ficar acautelado nós não iremos lá. O descuido de vocês é que nos chama. Tomai cuidado com tudo o que possa servir-nos e já não nos encontrareis pelo caminho.

— Mas, se assim não fôsse, tu e os teus morreriam de fome!

— Enganas-te mais uma vez. A terra é muito vasta e para mim, que sou tão pequenina, não faltaria nunca o alimento. Se nós cá viemos, é porque cabemos todos debaixo do mesmo céu!

Depois a formiguinha pediu-me que a levasse a certo buraco que havia ali pertinho e eu assim fiz.

Coloquei-a junto da entrada do que era, certamente, a sua casa e a formiguinha entrou resolutamente.

Voltou, depois, trazendo, com alguma dificuldade, um grãozinho qualquer, que largou junto de mim.

Eu debrucei-me para saber o que ela pretendia e a formiga voltou a falar-me:

— Vês este grãozinho ?

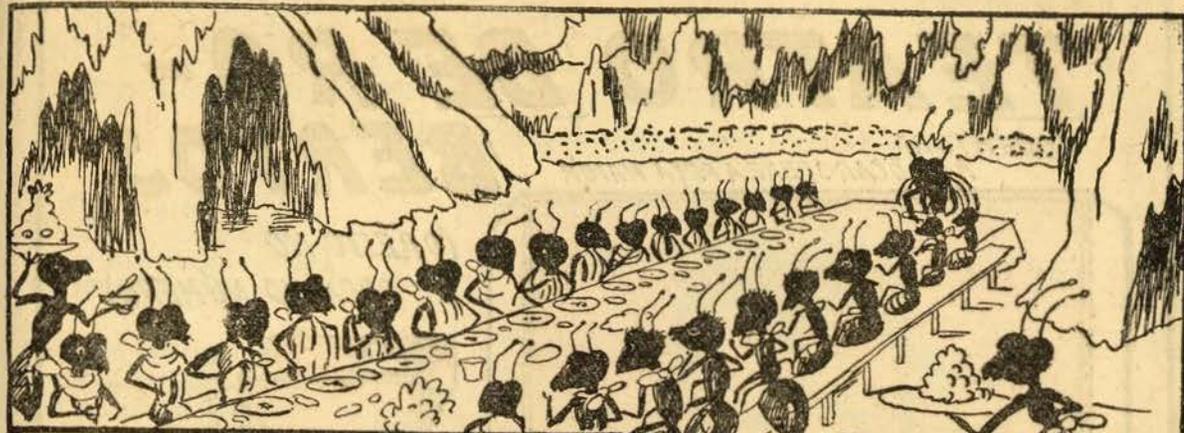
E' muito mais pesado do que eu e representa o alimento para um dia todo.

Quantos grãozinhos iguais haverá na terra inteira e que vocês não vêem ?

E agora olha para dentro da minha casa e vê o que se passa por lá.

Eu olhei, espreitei bem para dentro do buraco, onde entrava uma nesga de luz, e lá vi as outras formi-





guinhas tôdas, empenhadas em arrumar, cuidadosamente, o que vinha chegando, trazido pelas formigas do carreirinho.

Depois outras partiam, enquanto descansavam as que tinham chegado.

Elas combinavam, entre si, a maneira de se afadiga-



rem o menos possível e, como eram muitas, cada uma trabalhava um bocadinho e assim aglomeravam tudo o que lhes era necessário.

Cá fora, eu via, também as formigas, que chegavam, caminhando apressadas, mas que nem por isso deixavam de ouvir o segredinho da que saía e que lhe dizia, rapidamente:

«Vai comer...»

E seguiam cada uma o seu caminho.

Era a hora da refeição, a hora de restaurar as forças para a labuta pela vida.

Dentro do formigueiro, todas descansavam e comiam... Só eu, cá fora, fiquei a pensar na grande maldade de se destruir a casa e o caminho das formigas, tão laboriosas, que tinham o direito de que lhe respeitassemos o que elas, com tanta cansaça, construíram.

E assim arranjei que lhes contar, para poder dizer-vos que se não quereis que as formigas assaltem os vossos doces, acantelai-os!

É como quem diz:

«Quem o seu não guarda, as formigas lho levam!»



F I M

O FIM DA BICHA DOS BICHOS (Côntinuado da página 1)

fazendo enorme motim, entrarás cá na floresta, e, num grande borborinho, fingirás dar uma cresta, metendo à bruta o focinho, na bicha da bicharada, para a pôr em debandada! —

O leão leu a minha missiva, arreganhando a bocarra num sorriso divertido.

Os directores do Jardim, ao saberem do que se tratava, da melhor vontade acederam ao meu pedido.

Manso qual cordeirinho, o nosso amigo leão fez a sua entrada na floresta, levado à tréla por um guarda do jardim.

Mas, mal avistou os bichos da bicha que, con-

forme o costume, guinchavam sempre, exigindo que eu os ouvisse, o leão soltou-se da corrente e correu por ali fóra.

Seguindo as minhas instruções, rugiu nuns rugidos fortíssimos que fizeram tremer as árvores e assarapantar a bicharia.

Como por encanto, todos os bichos calaram seus berros e, respeitosos, formaram álas para dar passagem ao rei dos animais.

Mas este, sempre rugindo grosso, avançou sobre eles, dando mostras de grande ferocidade.

Rangia os dentes e sacudia a juba, com ar ameaçador!

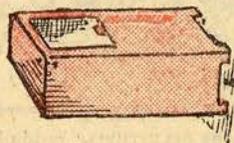
De repente, formou um pulo, e veio mesmo parar no meio dos outros animais.

(Conclue na página 6)

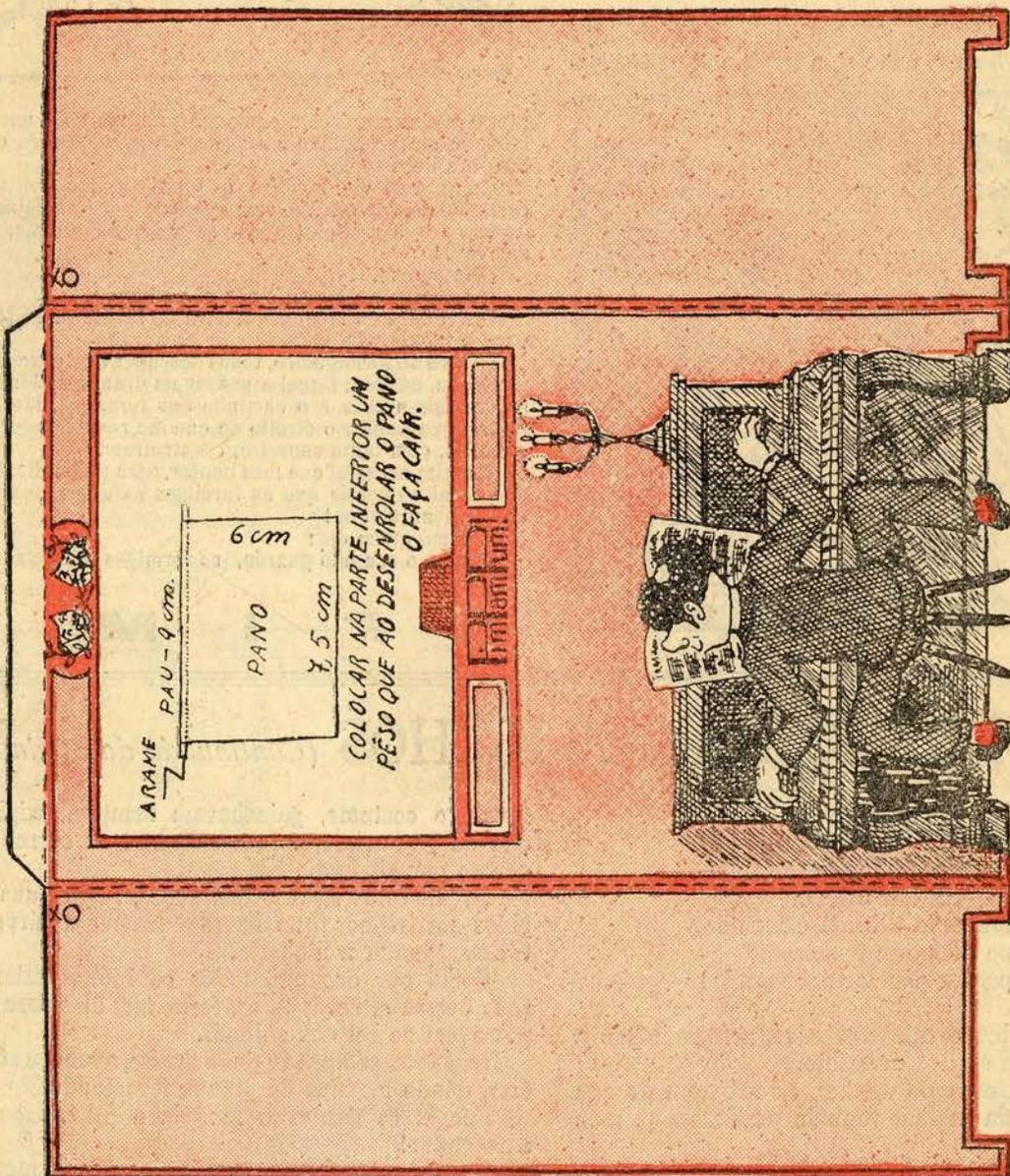
TEATRO DE ROBERTOS

COBERTURA
A COLOCAR SOBRE A PEÇA MAIOR

(O RESTO NO
PRÓXIMO NÚMERO)



MODÉLO



ARAME PAU - 9 cm

6 cm

PANO

7,5 cm

COLOCAR NA PARTE INFERIOR UM
PÊSO QUE AO DESENVOLVER O PANO
O FAÇA CAIR.

ppp! mamamum!

NOS PONTOS X ENFIA O PAU QUE SUPORTA O PANO

Amélio Taborda

LUIZINHO NÃO QUERE ESTUDAR A HISTÓRIA

Por MARIA AMÉLIA GUERNE GARCIA DE LEMOS

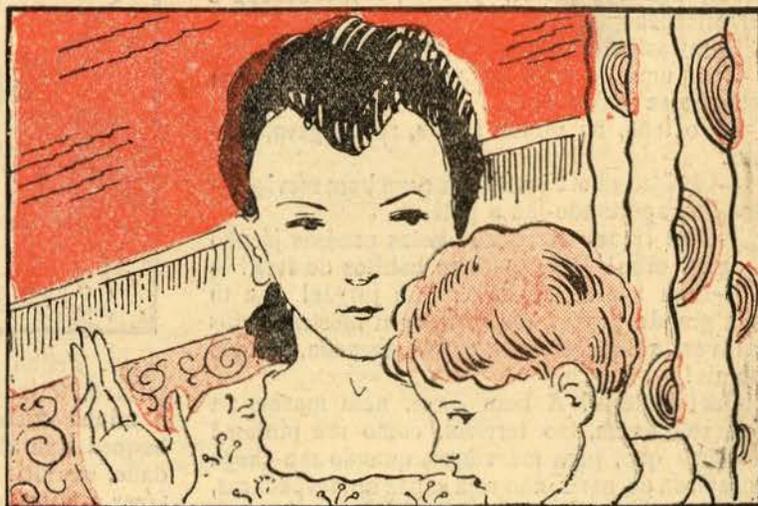
— «Ouve cá, ó meu Luiz,
Vieram-me ontem dizer
Que a História do teu país
Tu não gostas de aprender.

Eu quasi não acredito,
Bastante me custa a crer:
Um menino tão bonito,
E não gostar de aprender?!...

E, então, nossa linda História!
Diz-me Luiz: Porque é?»

— «E que não tenho memória
P'ra tanto; a mamã bem vê!»

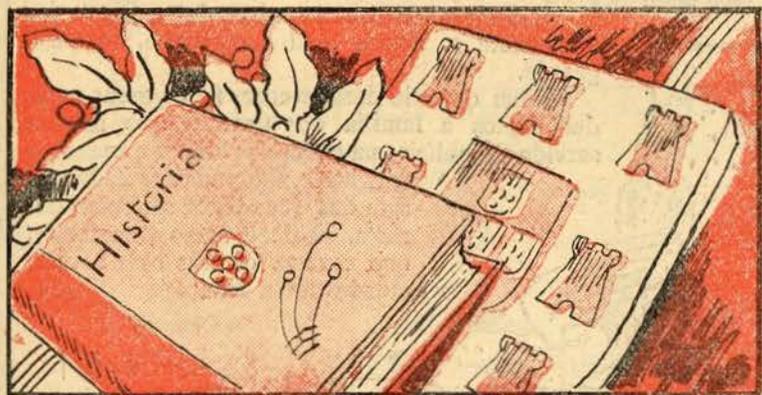
— «Deus castiga os trapalhões!
Mentes, Luiz, isso é feio!
Aprendes outras lições
E a história não? Eu não creio.



Dize antes que não a lês,
Que nem tens pr'a ela olhado,
Mas, ó Luiz, tu não vês
Qu'isso até é um pecado?

Houve um poeta, Luiz,
De engenho descomunal
Que a história deste país
Tornou pr'a sempre imortal.

No seu poema imortal
Relembra a aguerrida sanha
Duma batalha real
Que por um Santo foi ganha.



Êle canta o nobre Gama,
De ânimo tão invulgar
Que alcançou eterna fama
Vencendo o terrível mar.

E a morte, atroz e cruel,
Da famosa e linda Inês,
Também, contada por êle,
O encanto de todos fêz.

Tem estâncias tão formosas,
Sublimes páginas de ouro,
Imagens tão grandiosas
Que é da nação um tesouro!

É de tão grande beleza
A História de Portugal,
Que, podes ter a certeza,
Não há no mundo outra igual!

Um verso seu, só por si,
Vale o mais puro brilhante...
Podes ver, meu filho, assim,
O seu valor importante...

Por isso vês, ó Luiz,
Que debes sempre estudar
A história do teu País
E os seus heróis venerar.»

O NOSSO CONCURSO: — Uma Vila completa

Satisfazendo o pedido de alguns retardatários, vamos fixar um prazo de 15 dias para entrega das reproduções fotográficas da nossa «Vila completa» a-fim-de que todos os colecionadores do «Pim-Pam-Pum» possam habilitar-se aos prémios do nosso grande concurso. Termina, pois, inadiavelmente, no dia 20 do corrente. No próximo número publicaremos a lista completa dos prémios.

— «Sim, sim, ó minha mamã,
Prometo, de hoje em diante,
Estudar com todo o afã
Nossa história tão brilhante.

F I M

O FIM da BICHA dos BICHOS

(Conclusão da página 3)

Espavoridos, em grande confusão, os bichos fugiram, cheios de medo.

Na precipitação da fuga, enredavam-se nas pernas, uns dos outros, pisados, amachucados e aterrorizados!

Num instante, o terreiro ficou varrido!...

Nem uma formiga se via no chão, nem um mosquito se via no ar!...

Só o leão, na minha frente, resfolegava, cansado.

—Obrigadinho! Prestaste-me um bom serviço!— disse-lhe, apertando-lhe a pata.

—Mas fiquei derreado! Estas proezas já não são para mim! Detesto estes hábitos de fera!—

—Essa agora!... E eu que julguei que te daria grande prazer, em vires aqui mostrar, mais uma vez, a tua ferocidade, tão afamada, rei dos animais!—

Qual história! A bem dizer, nem mesmo na selva sou, assim, tão terrível, como me pintam! Não digo que, para me vingar, quando me chega a mostarda ao nariz, não seja capaz de despedaçar, num abrir e fechar de olhos, bicho ou homem que se intrometa comigo! Mas se me deixarem em paz, bem se me dá a mim, o que vai pelo mundo! Agora, falando no meu caso, franqueza, franquezinha, não vejo motivo para viver aos urros, a mostrar a dentuça a todo o momento, visto que não há razões para isso!

Antes pelo contrário, sinto-me muito bem onde



estou. Tenho almoço e jantar a horas, jáula confortável, criados para me servirem e é agradável à minha vaidade a admiração que causo aos basbaques que ali vão visitar-me. A selva é, na verdade, um sítio pouco acessível para a nossa beleza fazer a vista que merece!

E já que fui eu que tive a dita de ser o exemplar escolhido para representar a minha raça no Zoológico de Lisboa, aproveito a ocasião para apresentar, no «Pim-Pam-Pum», os meus cumprimentos a todos os meninos que, tantas vezes, vejo passear diante da minha jáula. E, agora, adeus amiguinho, que são horas de jantar.

Acabado o seu discurso, o leão deixou-se atrelar à corrente e, manso qual cordeirinho, seguiu o guarda.

Assim que ele desapareceu, fiz os meus agradecimentos à família dos Corujos que haviam servido de polícias na bicha dos bichos e enquanto a bicharia, ainda amedrontada, não saía das suas tocas, saí eu da floresta, no meu avião sem motor, que cortava os ares com a velocidade duma seta.

FIM

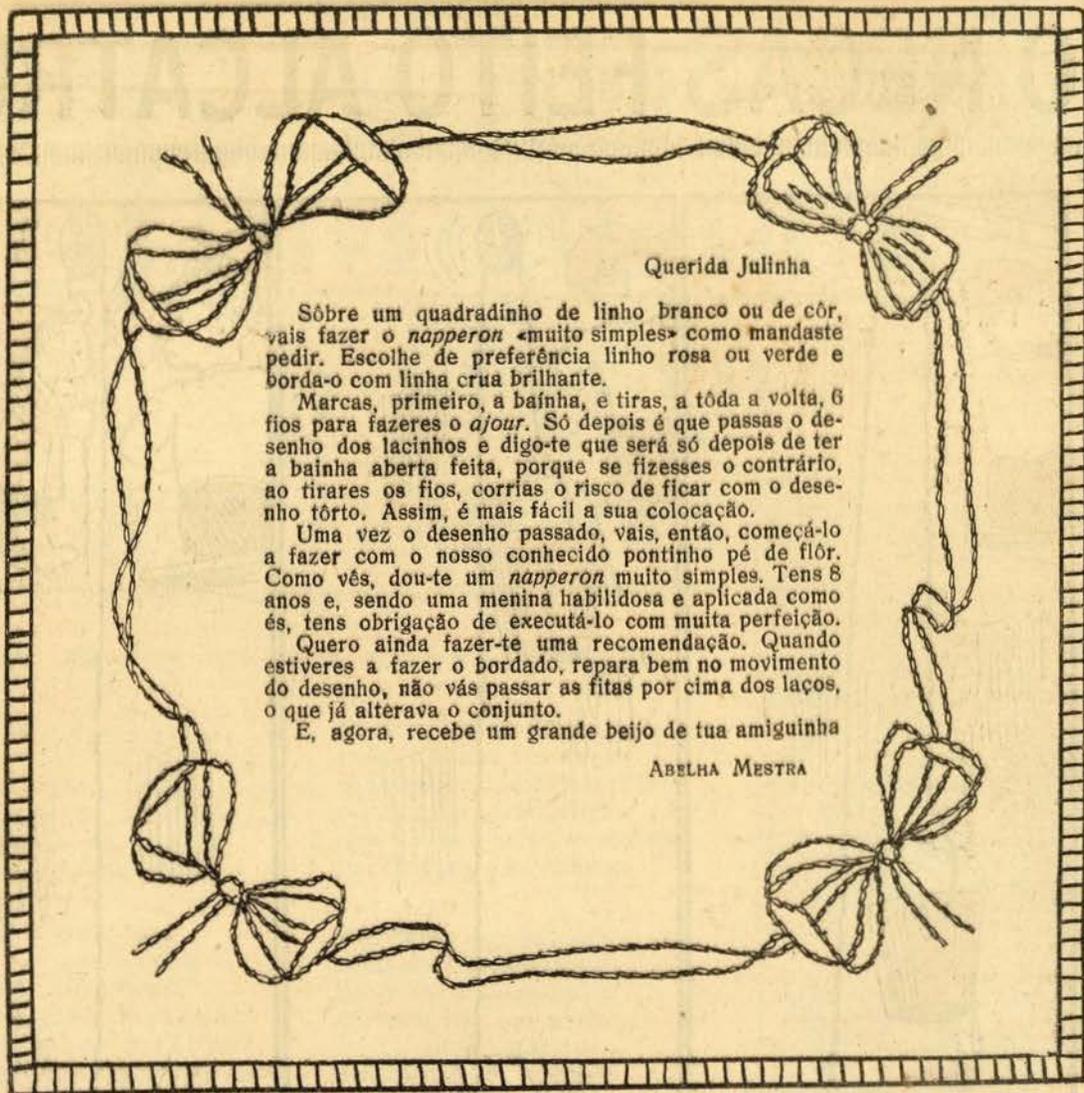


O NOSSO CONCURSO:—«UMA VILA COMPLETA»

Acusamos o recepção de provas fotográficas dos seguintes concorrentes:— António de Oliveira Natálio, (das Caldas da Rainha); Daniel Mathez, (de Loures); João Vítor Araújo, (do Cartaxo); António José de Brito Soares, (de Lisboa).

AVISO:— Os meninos de Lisboa que não tenham máquina fotográfica, podem enviar-nos a Vila armada, a-fim-de a reproduzirmos fotográficamente.

O
C
E
S
T
I
N
H
O
D
A
C
O
S
T
U
R
A



Querida Julinha

Sobre um quadradinho de linho branco ou de côr, vais fazer o *napperon* «muito simples» como mandaste pedir. Escolhe de preferência linho rosa ou verde e borda-o com linha crua brilhante.

Marcas, primeiro, a bainha, e tiras, a tôda a volta, 6 fios para fazeres o *ajour*. Só depois é que passas o desenho dos lacinhos e digo-te que será só depois de ter a bainha aberta feita, porque se fizesses o contrário, ao tirares os fios, corrias o risco de ficar com o desenho tôrto. Assim, é mais fácil a sua colocação.

Uma vez o desenho passado, vais, então, começá-lo a fazer com o nosso conhecido pontinho pé de flôr. Como vês, dou-te um *napperon* muito simples. Tens 8 anos e, sendo uma menina habilidosa e aplicada como és, tens obrigação de executá-lo com muita perfeição.

Quero ainda fazer-te uma recomendação. Quando estiveres a fazer o bordado, repara bem no movimento do desenho, não vás passar as fitas por cima dos laços, o que já alterava o conjunto.

E, agora, recebe um grande beijo de tua amiguinha

ABELHA MESTRA

CONCURSOS CHARADISTICOS

Resultados finais do 1.º Concurso

Produções

Publicadas	89
Anuladas :	2
Apuradas :	87

Quantidade relativa a cada produtor

Lucas, Ramon Navarro, 6; Seravat, Béu, 5; Alfredo Matos Rucas, 4; António Freire, Bébé, J. Atirbac, John Biffe, Sir Mistério, Um decifrador, 3; Abílio, Abrunhosa «O Espanhol», Adelino T. Cardoso, Ariévilo, Dália de Jesus, Dois Manos, D. Rufa, Erfer, Maria do Ar, Morais, Nela, Zefa e Quitolas 2; Anjocarfer, Barba-Azul, Bata Loura, Chalet d'Ossos, Fernandez, Gisita, Jocaró, Lilicas, Noémia, Romualdo Teles Santos, Sir Fantasma, Um apologista d'«O Século», Zé Guinoro, Zé Manel, 1.

Produtores

Classificação geral por «Quadros»

CAMPIÃO

A. Seravat, com 3 Quadros 20 votos

SUB-CAMPIÃO

Rucas, com 2 Quadros 16 votos

PRÉMIOS

Publicação da fotografia no Quadro de Honra e outros a mencionar oportunamente

OUTROS CLASSIFICADOS

Data Loura, com 1 Quadro 10 votos

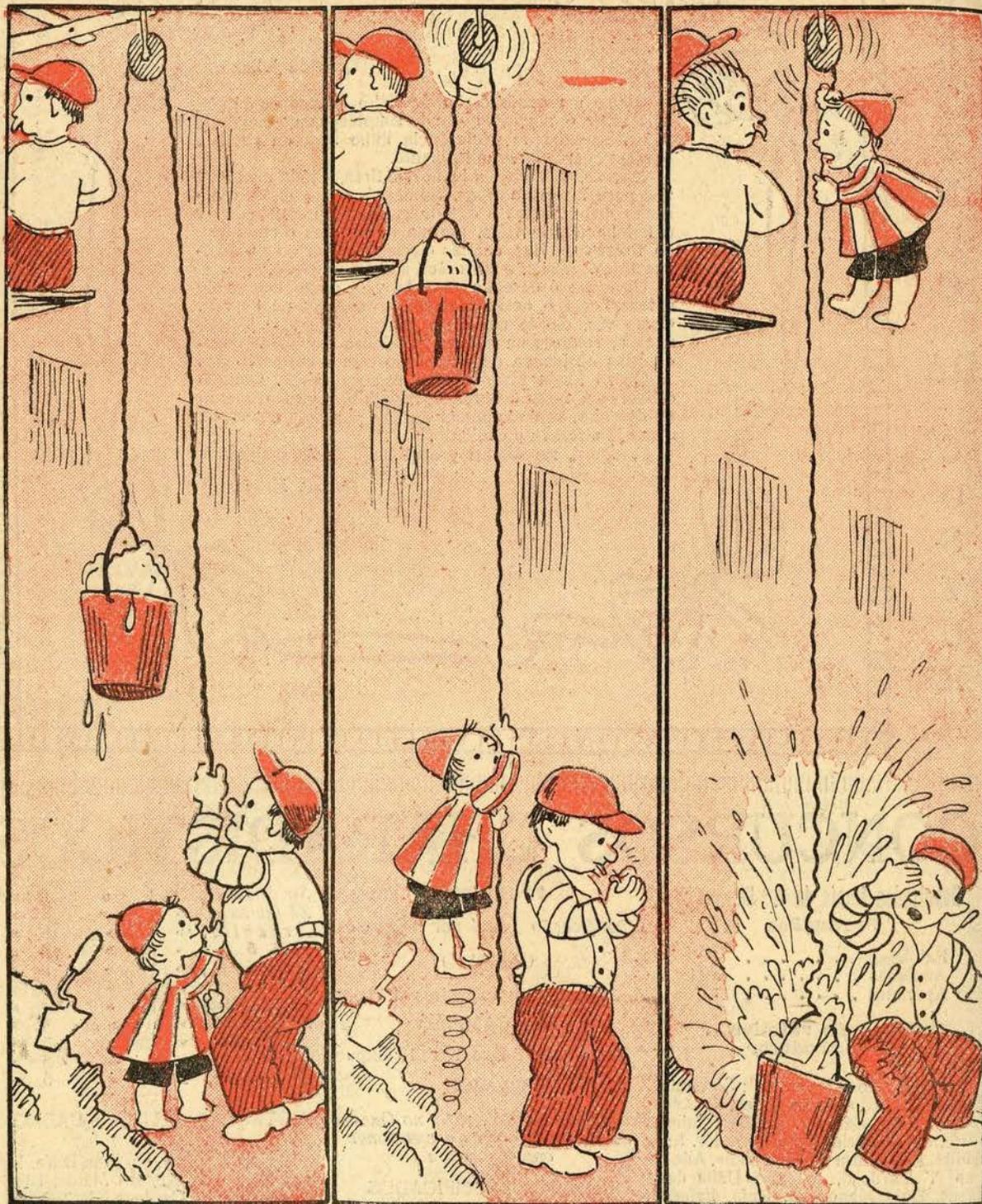
J. Atirbac, > 1 >	10 >
John Bife, > 1 >	9+1 >
Nelas, > 1 >	9 >
L u c a s, > 1 >	7 >
Maria do Ar, > 1 >	7 >

Sir Mistério, > 1 >	6 votos
Zé Quitolas, > 1 >	6 >
Ariévilo, > 1 >	5 >
B é b é, > 1 >	5 >
Gisita, > 1 >	5 >
J. Atirbac, > 1 >	5 >
(Anulada) > 1 >	4 >
Romualdo S., > 1 >	4 >
Abílio, > 1 >	3 >
D. Rufa, > 1 >	3 >
Zé Guinoro, > 1 >	3 >

VOTAÇÕES «EXTRA-QUADRO»

Ramon Navarro, 9; John Biffe, Lucas, Rucas, 5; Alfredo Matos, Bébé, 4; Adelino T. Cardoso, A. Seravat, Barba Azul, Dois Manos, Lilicas, Anjocarfer, Ariévilo, Beu, Chalet d'Ossos, Erfer, Fernandez, J. Atirbac, Nela, Sir Fantasma, Um decifrador, 2; Abrunhosa, «O Espanhol», António, Freire, Dália de Jesus, Morais, Zefa, Zé Quitolas, 1.

O NÉCAS FEITO ALCATRUZ



O Necas Souza Cordeiro, que é filho do mestre Jaime, pretende ganhar dinheiro, trabalhar sôbre um andaime, ser como o pai um pedreiro:

Satisfeito o seu sonhar, logo o nosso mestre Jaime manda o Necas segurar na corda, junto ao andaime, constantemente a girar.

Porém, como o balde pesa mais que o Necas: — Catrapus!... qual não é sua surpresa vendo-o, como um alcatruz, a subir com ligeireza.